



São Paulo, 08 de abril de 2016.

Caros Companheiros de Especialidade,

Tendo em vista a reportagem que apareceu no Fantástico de 03/04/16, acho importante esclarecer alguns pontos referentes à nossa participação na mesma.

Fui procurado por telefone pela reportagem do referido programa em 16/03/16, ocasião em que me indagaram se seria lícito tratar pacientes em aparelhos de telecobaltoterapia com fontes “vencidas”. Informei para o referido repórter que há norma da CNEN regulando o assunto e que a mesma limita a 50 cGy/minuto a 80 cm como sendo a atividade mínima aceitável. A seguir perguntaram-me se o fato de ficar tratando o paciente por muito tempo não levaria a “queimaduras”, ao que respondi que não, muito pelo contrário, informei que o uso de fontes com baixa atividade, desde que respeitados os parâmetros técnicos habituais, poderia sim diminuir o efeito biológico do tratamento levando a um efeito inverso.

Neste ponto a repórter disse-me que tinha visto casos concretos de “queimaduras” que não cicatrizaram depois de decorridos muitos anos do tratamento, ao que eu esclareci que estes casos que ela estava me relatando precisariam ser mais bem estudados e que deveriam ter outros fatores causais como suscetibilidade individual ou uso de quimioterapia concomitante. Informei também que a diminuição da distância foco-pele para aumentar o rendimento da máquina poderia depositar um pouco mais de dose na pele, sendo um possível cofator na gênese das sequelas que ela havia me relatado.

Para criação da matéria que foi apresentada no Fantástico, fui ao Instituto de Radioterapia do ABC filmar a explicação técnica de como o aparelho de Cobalto funciona.

Durante a entrevista presencial repeti todas as explicações que havia dado por telefone, reforçando o caráter multifatorial das reações colaterais relatadas (depois vi na matéria que se tratava de teleangectasias e não “queimaduras”) e concordando que não se deveriam utilizar fontes com atividade abaixo do recomendado pela CNEN, no mínimo



por uma condição legal. Informe novamente que a diminuição da distância foco-pele poderia sim aumentar a dose em superfície, aumentando em consequência disto o risco de radiodermite.

Tentei deixar claro também à repórter que lá me entrevistou que os aparelhos de Cobalto são sim muito úteis e que podem ser utilizados para o tratamento com qualidade do câncer em um número muito grande de situações clínicas.

Aproveitei a entrevista para informar que a baixa remuneração de nossos procedimentos, congelada há 5 anos e 8 meses, dificulta não só a aquisição de novas pastilhas de Cobalto como também a atualização de nosso parque tecnológico. Informe também que a situação atual da radioterapia brasileira é crítica em consequência disto com um déficit de pelo menos 200 aparelhos e consequente dificuldade de acesso da população atendida pelo SUS. Infelizmente, essas informações não foram para o ar, ficando na matéria apenas a parte “jornalística” dela, com o apelo sentimental de pacientes e parente de paciente que se julgaram prejudicados pelo tratamento por fontes de Cobalto com baixo rendimento.

Soube, por textos divulgados nas redes sociais, que nesta matéria algumas informações referentes aos pacientes que se consideraram prejudicados pelos referidos tratamentos teriam sido omitidas ou distorcidas, o que seria lamentável.

De qualquer maneira, à exceção dessas ressalvas, considero que é importante expor a radioterapia à população como meio de mostrarmos nossa importância no tratamento do câncer e abrir espaço para nossas reais e justas reivindicações.

Atenciosamente,

A handwritten signature in black ink that reads 'Eduardo Weltman'. The signature is fluid and cursive, with the first letters of the first and last names being capitalized and prominent.

Eduardo Weltman
Presidente da Sociedade Brasileira de Radioterapia